

A vida recriada dentro do lixão

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Wanderlei Pozzembom

No meio do lixo, o incrível brechó de Teresa. Da brava Teresa de Jesus, negra, maranhense de Engenho D'Água, 29 anos, ex-doméstica, quarta série primária, casada, cinco filhos. Do meio do lixo, o sustento de uma família. Do que ninguém mais quer, do desprezível, a única fonte de sobrevivência. E esperança. Ali, do resto, do nada, do fim, Teresa de Jesus recriou a própria vida. No meio da Feira da Invasão da Estrutural, um bazar virou a sensação. Nenhum domingo nunca mais foi o mesmo naquele lugar.

Roupas, sapatos, bolsas de couro, tênis, chinelos, CDs, livros, calcinhas, sutiã, cuecas, anéis, brincos, pulseiras, batons, chaveiros, bicicletas infantis. Até cafeteira elétrica. Tem de tudo. Tudo o que é jogado fora vira peça de revenda no brechó. Assim que recebe a mercadoria das catadoras do lixão, precisamente cinco amigas — a quem paga entre R\$ 0,50 e R\$ 1 por peça — Teresa de Jesus se empenha na reforma de cada peça. Desinfeta, lava, costura, tingi, faz arremates. Enfeita. Engraxa sapatos. Reconstrói e remodela brincos. Dá polimento em anéis.

Tudo fica limpo e novo. Tudo brilha. Antes das 6h, Teresa de Jesus sai para a feira. Num carrinho de mão, com a ajuda da filha mais velha — Patrícia, de 11 anos —, ela coloca a mercadoria. A pé, faz sete viagens até chegar ao local. Às 8h, o brechó está montado. É hora de vender. É hora da recompensa pelo árduo trabalho da semana inteira.

Aos poucos, as pessoas começam a chegar. Há fregueses fixos. “Eu tenho cliente que vem de Taquatinga, de Ceilândia e até do Entorno pra comprar comigo”, gaba-se Teresa de Jesus. As peças são vendidas entre R\$ 1 a R\$ 25. “Vinte e cinco e reais é o valor de um terno completo, lindo, lindo”, explica a dona do brechó.

E ela mal consegue parar para conversar com a reportagem do *Correio*. A cada segundo surge um cliente. Eles chegam ávidos pelas novidades. No brechó de Teresa, piscou, perdeu a oferta. O povo avança. A correria é grande. — Nossa, Teresa, a mercadoria hoje tá boa demais... Quanto custa essa saia?, pergunta a doméstica Maria do Carmo Marques, de 27 anos. — Tá R\$ 5, filha, responde Teresa de Jesus.

Maria do Carmo olha, ajusta a



PATRÍCIA, A FILHA MAIS VELHA, AJUDA TERESA A VENDER NA FEIRA DA ESTRUTURAL: FREGUESES VÊM ATÉ DO ENTORNO

malha ao corpo, sente-se bonita e resolve levar. “Vou usar pra ir à igreja hoje à noite”, diz, morta de felicidade. A dona-de-casa Neide Paiva, 37, veio atrás de um “calçado” para o filho. — Teresa, tu tem uma chinela pro meu menino?

Saiu de lá com uma sandália de R\$ 2. E conta, orgulhosa: “Semana passada, comprei um palletó completo pro meu marido. R\$ 25. Tava novinho. Nem parecia coisa usada. Ele é evangélico e usou no culto. Ficou um luxo só. Você precisava ver”.

Fiado, nunca mais

No meio de roupas e sapatos, vários CDs — de pagode a axé, sem esquecer o cantor Benito de Paula. Sim, um Benito de Paula de brinco e cabelos compridos dos anos 1970, sobreviveu no brechó da Invasão da Estrutural. Cada disco pode ser comprado por R\$ 0,50. “Baratinho, né?”, admirou-se um cliente. Perto dos CDs, dentro de uma caixa de papelão, estão as calcinhas, os sutiãs e as cuecas. Uma freguesa assídua pergunta: — Dona Teresa, a senhora se-

parou as peças íntimas que eu vou levar hoje?

Peças separadas e compradas, contentamento da cliente. Mais dinheirinho para o bolso da dona do brechó, que só vende à vista. “Quando abri o bazar, confiei demais nas pessoas e levei um prejuízo de R\$ 350. Fiado, nunca mais”, decreta.

É com o dinheiro que ganha aos domingos — varia de R\$ 80 a R\$ 150, dependendo do dia do pagamento dos fregueses — que a vida de Teresa teve um pouco mais de dignidade. Ela come-

“TEVE DIA QUE EU NÃO TINHA UMA BARRA DE SABÃO. AGORA, NUNCA MAIS FALTOU NADA. NUNCA MAIS BATI NA PORTA DO VIZINHO PRA PEDIR QUALQUER COISA”

Teresa de Jesus, dona do brechó

mora: “Antes, quando eu trabalhava como doméstica e meu marido tava desempregado, a vida lá em casa era muito difícil. Chegamos a passar fome. Teve dia que não tinha uma barra de sabão. Agora, com o bazar, nunca mais faltou nada. Nunca mais bati na porta do vizinho pra pedir qualquer coisa. Tenho fé em Deus que nunca mais vou pedir nada a ninguém”.

Enquanto conversava, chegou mais um freguês. E dos bons. Há um ano, o pedreiro Otaviano de Oliveira, de 58 anos, veste e calça toda a família com as roupas do brechó de Teresa. “É tudo em conta e de boa qualidade”, elogia.

Depois, uma menina vem buscar a cafeteira, já reservada e disputadíssima no brechó desde as primeiras horas da manhã. Paga R\$ 10. Sai de lá radiante, abraçada ao novo produto que enfeitará sua casa. E some no meio da invasão enlameada. “Tá vendo? O povo fica feliz com as coisas que eu vendo!”, comenta Teresa, animadíssima.

Assim, no meio de uma invasão, perto do Lixão, uma mulher recolhe da miséria sua dignidade. Virou cidadã, a dona do brechó mais procurado da Estrutural. “A gente morava num barraco de lona. Agora, tenho uma casa de verdade. Até abri uma conta pra mim na Caixa Econômica. Toda semana coloco um pouquinho lá”, diz, sorrindo.

No lixo, no meio daquilo que ninguém quer, uma vida decente brotou para Teresa de Jesus.